



## EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DA ESCOLA

Maria Raiana Barbosa dos Santos <sup>1</sup>

### RESUMO

A educação popular é uma concepção de educação mais democrática, pois reafirma em seus propósitos a emancipação ser um processo capaz de transformar vidas humanas, a escola pública sendo a ambiência por onde os sujeitos das classes menos abastecidas de poder aquisitivo passam durante a fase de escolarização, se torna uma instituição com o compromisso de fazer com que os educandos elevem suas potencialidades. O presente artigo traz no bojo das discussões o objetivo de refletir sobre o diálogo e o sentido de dizer a palavra, na direção de argumentar como tais princípios são elementos essenciais no fortalecimento da cultura popular no âmbito escolar. O método de análise é o bibliográfico e traz abordagens de referências de alguns estudiosos que escrevem sobre está temática. Salientamos ação educativa um dos pilares sustentador na concretização de uma educação mais humana, além disso é necessário estar no centro do projeto pedagógico da escola proposições democráticas de ensino aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação popular, Escola pública, Práticas pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

A educação popular é uma possibilidade que ascende a esperança para as camadas populares, visto que é um movimento de busca na luta pelos direitos humanos. A educação popular nasce no bojo das desigualdades sociais, mais precisamente no Brasil emerge na ditadura militar, no entanto os movimentos sociais indo de contrapartida ao autoritarismo, opressão e a desumanização marcada por essa época entre 1964 a 1980 constroem suas marcas na história da democratização do país.

Um dos pioneiros da educação popular no Brasil foi Paulo Freire, inicialmente na década de 60 uma prática educativa popular, buscava na “conscientização” um dos pilares primordiais na permanente procura pela liberdade. No ano 1980 a educação popular, atravessa a categoria da educação de jovens e adultos e fora do sistema de ensino institucional e passa atuar no âmbito da educação formal de caráter público. (GADOTTI, s/a, p.15) assim a “educação popular na escola pública” (VALE, 2001) viabiliza um espaço de valorização do cidadão, o oportunizando o acesso ao

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [raianasantosagora2012@gmail.com](mailto:raianasantosagora2012@gmail.com);



conhecimento produzido pela humanidade, desconstruindo a escola pública, enquanto uma esfera desarticulada com a sociedade.

A construção de atividades educativas no contexto da escola pública que, eclodem nos princípios da educação popular criam possibilidades da desconfiguração do ensino tradicional, em que o educador tinha função de depositar os conteúdos desarticulados com a realidade social dos sujeitos.

Sabemos que o ensino público demanda uma ideologia do sistema capitalista, enquanto aparelho do Estado, por isso romper com a burocratização deste ensino, significa repensarmos um espaço escolar cheio de vida e esperança para as classes populares.

No campo desta abordagem, ao pensarmos um trabalho com o desenvolvimento da palavra autêntica, em que o direito de falar do educando represente “o diálogo, que implica um pensar crítico”(FREIRE,2014, p.115), numa comunicação com o mundo e um encontro consigo, enquanto ator da sua história, assim se situa dentre o objetivo principal refletir uma educação popular, do qual é fio condutor na reflexão da nossa abordagem sobre a educação popular no contexto da escola pública, desta maneira um dos elementos que irá integralizar nossas discussões serão: o diálogo, o sentido de dizer a palavra na construção de uma educação popular como prática da liberdade e uma prática pedagógica popular.

É necessário para este estudo teórico visando uma análise mais epistemológica do assunto sobre a educação popular no contexto da escola trabalharmos o método da pesquisa bibliográfica, nesta direção o presente trabalho se organiza no embasamento nas obras de autores como: Brandão (1986); Freire (1996), (2001), (2014); Rubem Alves (2001); Vale (2001), entre outros.

As propostas surgidas na construção da presente pesquisa científica traz contribuições para educadores e educadoras que sonham numa escola pública, onde os estudantes sujeitos das camadas populares se mobilizem, por meio do seu lugar de fala, para isto, é preciso professores estarem enraizados numa postura didática que ascenda a emancipação da vivacidade da palavra verbalizada ou escrita, ou seja, fazendo das crianças protagonista da sua história, não mero receptor ao longo do processo de escolarização.



Portanto o espaço escolar deve ser um lugar da partilha de experiências criativas, paralelamente dando visibilidade a educação das relações socioemocionais. A educação popular torna-se a procura de uma tendência pedagógica voltada para ações afirmativas de cuidado com o outro, e ao mesmo tempo pautada no alcance da promoção da autonomia dos indivíduos.

## **METODOLOGIA**

As abordagens apresentadas são fruto da modalidade da categoria bibliográfica, que tem uma significativa, a partir do aguçamento da subjetividade humana, exatamente ocupa a compreensão de conceitos já investigados por outros intelectuais, desta forma a intencionalidade da pesquisa bibliográfica é “uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem” (GOLDENBERG, 2004, p. 43). Nesta perspectiva a análise neste campo teórico perpetua um conhecimento histórico ao trabalhar a pluralidade de acontecimentos marcados pela participação dos seres humanos na edificação das suas percepções sobre o mundo.

Assim, a caracterização deste termo bibliográfico também se assimila a identidade exploratória, porque são várias fontes as quais o pesquisador pode investigar o tema desejado, a exemplo de revistas, enciclopédias, dicionários, obras literárias, entre outras fontes, isso significa dizer que “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122), desta maneira a utilização deste método científico atribui mais consistência no que o autor expõe, trazendo um teor sistemático nas suas argumentações.

Neste sentido de dialogar com o passado na possibilidade de ressignificar o presente, possibilita enxergarmos a relevância a qual “A pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados, se não com base em dados bibliográficos” (GIL, 2002, p. 45). Além do mais, este exercício de compreensão da leitura textual fazemos cotidianamente, sempre ao usarmos nossa percepção lógica, por meio da leitura de qualquer veículo de informação e comunicação da realidade que nos é apresentada.



Falar desta modalidade é trazer à tona que o percurso para se colocar em destaque nosso posicionamento crítico vem, por meio de uma leitura mais aprofundada sobre o que? Para que? Estudar tal conceito ou objeto do conhecimento, talvez seja no intuito e alimentar nosso senso perceptível e criarmos redes de conexão com as trocas de saberes entre leitor e autor da obra.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 1. O diálogo

O diálogo é parte essencial da educação popular, ele se torna referência na busca pela dialogicidade entre educador e educando. O conteúdo não se isola na sua totalidade mecanicista, mas aprimora na partilha de saberes a produção do conhecimento, também o diálogo é fulcro das relações sociais, afetivas e interpessoais entre homens e mulheres.

Na concepção bancária da educação, o professor/a surge como sujeito da narração e os alunos/as apenas recipientes, deste modo a sua característica é aniquilar o diálogo, tendo em vista uma prática pedagógica alienante, cujo pressuposto é delimitar os educandos a meros pacientes. (FREIRE,2014).

Uma educação problematizadora como nos assevera Freire (2014) “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo”, desta maneira a construção do conhecimento é pautada na comunicação entre os sujeitos, ou seja, é no compartilhamento de saberes, que o diálogo mediatiza no contexto escolar uma educação pautada num processo participativo que elucide a comunhão, reciprocidade e a busca pela leitura e escrita da palavra autêntica.

No cotidiano escolar a partilha do diálogo deve funcionar como a chave no desvelamento das capacidades múltiplas das crianças de se existenciarem por meio da sua palavra, nesta direção “A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade” (ALVES, 2001, p. 43), portanto os educandos aprendem na convivência mútua, em que não há distância entre o que se sabe na escola, quanto sobre o que se perpassa na vida.



Segundo Freire (2001) o diálogo é um direito humano socializador, nisto o professor deve assumir uma postura pedagógica reacionária levando uma proposta de na sua didática elevar a curiosidade dos/das alunos/alunas.

Nem sempre o debate em torno de instigar o diálogo entre docentes e discentes na instituição escolástica foi bem quisto, podemos dizer na história da educação brasileira o objetivo central da ação educativa era treinar o indivíduo para o mercado de trabalho, observamos este cenário no discurso de Mészáros (2008)

A educação que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumentos daqueles estigmas da sociedade capitalista “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes”. Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes. (MÉSZÁRIOS, 2008, p. 15)

A forma deste modelo de educação não está distante da nossa realidade vigente, tendo em vista o sistema neoliberal, se tornar dentro da emergência do mundo globalizado o principal agente de transformar com sua ideologia mercantilista as instituições sociais campos de concentração de geração do lucro. Dessa forma, a questão é qual a tarefa da educação popular frente a este desafio, de superar a legitimidade da educação escolar centralizada para o universo do trabalho?

Tal problemática pode ser respondida, através da mobilização por uma proposta de educação cidadã integralizada as práticas pedagógicas dos educadores que visam o avivamento das múltiplas linguagens, só desta maneira fortalecerá “Uma escola em que o ponto de referência não seja o programa oficial a ser cumprido (inutilmente), mas o corpo da criança, que vive, admira, encanta-se, espanta-se, pergunta (...)” (ALVES, 2001, p. 55)

É interessante enriquecer o compromisso da educação escolar com o desenvolvimento humano reconhecendo o amparo de valores na oferta de uma educação que faça sentido para vida do educando, neste sentido fortalecer os laços da escola com a sociedade é dialogar sobre memórias passadas se fazendo conectadas com o futuro, onde permeiam uma pedagogia da solidariedade.

## **2. O sentido de dizer a palavra**





Na pedagogia do silêncio “O direito de falar e ser ouvido é ofício do senhor. Os súditos calam ou repetem a palavra que ouvem, fazendo seu o mundo do outro” (BRANDÃO, 1986. p. 7), nesta perspectiva agora se reportando ao meio escolar, quando a maioria das crianças são súditas, vivenciam o silêncio como instrumento da opressão, anulam sua palavra, porque vai de encontro ao modelo de ensino transmissor, se dizer a palavra é poder, observa-se que o lugar de fala é desvalorizado, principalmente para educação dos que estão à margem da sociedade capitalista.

A mobilização do direito a palavra no princípio da educação libertadora é chave para conscientização crítica e ascende a cidadania. A importância de dizer a palavra favorece uma experiência existencial, sobre a vertente que “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 2014, p. 108), então falar a palavra é ação e reflexão, também é se sentir gente, caminhar na busca permanente da recriação de palavras com o universo cultural. Enaltecer uma atividade educativa no seio da reconquista do direito de dizer a palavra é imprescindível para destruir marcas desumanizantes da pedagogia do silêncio.

Consideramos que a possibilidade de inventar prevalece numa lógica da releitura de uma criação passada. Assim é na referência que se origina a potencialidade da manifestação criativa, vale ressaltar que é insignificante enxergarmos, a partir da quantidade ou extensão da produção artística, pois “criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas, também, sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo novo” (VIGOTSKI, 2014, p. 5), neste pressuposto dizer a palavra autêntica provoca durante o processo educativo o desenvolvimento da imaginação e criatividade, em que o educando se utiliza do lúdico, da fantasia e brincadeira como expressões da capacidade criativa e autônoma.

Ao dizer a sua palavra a criança no meio escolar ela toma este lugar um símbolo de aconchego, harmonia e reciprocidade entre os sujeitos que coabitam este ambiente, sem dúvidas o direito ao lugar de fala gera mudanças na percepção que os indivíduos olham os reflexos das transformações ocorridas ao longo dos tempos, por isso, “uma das virtudes necessárias de um educador democrático, que é preciso saber como ouvir” (FREIRE, 2001, p. 58), isto quer dizer, o estudante só terá a ação de se expressar verbalmente sentindo que o educador está apto a escutá-lo, isso nos mostra o quanto é fundamental o docente na sua prática pedagógica aprender a ouvir.



Conforme o exposto, a educação popular se constitui movimento formativo, na esfera da troca de conhecimentos entre comunidade e setor educacional e encaminha a assunção de relações mais efetivas fora dos muros da escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vimos que a construção da educação popular no contexto da escola é ancorada neste texto pelo diálogo e o sentido de os discentes dizerem a sua palavra. Do ponto de vista de Freire (1996) ensinar exige responsabilidade ética por parte dos professores/as como constituinte imprescindível de entender o saber comunitário se torna a primeira linguagem das camadas populares, a cultura impregnada na fala, nos modos de ser, pensar e agir envolvem aspectos da realidade de um povo que tem o direito a aprender, portanto merece mais empatia e reconhecimento por parte dos profissionais da educação.

A proposta de reafirmar o empoderamento do diálogo na escola pública vai ao encontro de lutarmos contra uma visão de educação pautada no silêncio, em corpos frios com medo da expressividade autoritária do/da professor/a. O diálogo enquanto ferramenta libertadora alimenta os sonhos possíveis de utopias carregadas pela esperança do futuro molhado pela igualdade social e a ascensão da diversidade.

Sendo assim, o sentido de dizer a palavra é importante na integração do pensar e o falar, não há mais possibilidades do medo invadir a subjetividade, pois as tensões psicológicas revolucionárias abrem os caminhos da descoberta de alcançar diante das adversidades o encantamento pela busca constante de aprender com a leitura de livros, com o outro e o mundo.

Ao concluir este estudo, consideremos a educação uma das instâncias da cultura que mais consolida seu poder emancipador, não seria diferente tentarmos incluir as camadas menos favorecidas em outro patamar: o de enfrentar cotidianamente as forças opressoras que escraviza e ameaça sua qualidade de vida, por isso a educação popular está no embate de enfrentamento contra qualquer forma de discriminação a uma população que ainda colhe as amargas dores de séculos de exploração.

## **REFERÊNCIAS**



ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BRANDÃO, Carlos. *Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GADOTTI, Moacir. *Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária- Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa em comum*. s/e. s/a. p.15.

MÉZÁRIOS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

VALE, Ana Maria do. *Educação Popular na Escola Pública*. São Paulo: Cortez, 2001.

VIGOTSKI, L.S. *Imaginação e criatividade na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.